

# JUVENTUDE E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MORENO, Gilberto Geribola – FEUSP – geribolamoreno@gmail.com

## RESUMO

Este artigo pretende discutir o crescente rejuvenescimento do público de Educação de Jovens e Adultos. Para tanto procura definir, ainda que preliminarmente, o que podemos compreender quando usamos as categorias de juventude e jovem. Em seguida tenta traçar um paralelo entre estas categorias e o fenômeno do rejuvenescimento dos estudantes de EJA relacionando-o ao crescimento do número de estudantes dos variados níveis de ensino. Por fim reitera-se a importância das pesquisas voltarem a atenção para este público específico – os jovens de EJA – no sentido de auxiliarem a compreensão de suas demandas e orientarem as práticas e políticas voltadas para este setor da sociedade.

**PALAVRAS CHAVE:** juventude, educação de jovens e adultos, experiência

## ABSTRACT

This article will discuss the growing rejuvenation of the public of Youth and Adult Education. For both seeks to define, even preliminarily, we can understand when we use the categories of youth and young. Then try to draw a parallel between these categories and the rejuvenation of the phenomenon of students from EJA linking it to the growth in the number of students of varying levels of education. Finally reiterates the importance of research turned attention to this specific audience - young, EJA - to help understand the demands of their gear and practices and policies aimed at this sector of society.

**KEYWORDS:** youth, adult and youth education, experience

## INTRODUÇÃO

O crescente rejuvenescimento dos estudantes de educação de jovens e adultos vem chamando a atenção dos profissionais e dos pesquisadores que trabalham com esta modalidade de ensino. É cada vez maior o número de jovens entre 15 e 25 anos que se matriculam nos cursos de EJA para dar continuidade aos estudos. Os motivos que levam estes jovens a buscarem na educação de jovens e adultos sua formação não estão totalmente compreendidos. Obviamente todos sabemos que estes jovens não realizaram seus estudos na idade apropriada e que muitos sofreram processos de exclusão da escola regular. Contudo, acreditamos que uma multiplicidade de fatores promovam a volta aos estudos por parte deste jovens impulsionando o crescimento da presença juvenil na Educação de Jovens e Adultos.

Neste sentido pensamos que as possíveis respostas – sejam políticas, pedagógicas sociais - ao fenômeno do aumento de matrículas de jovens na EJA, só se darão subsidiadas por um maior número de pesquisas voltadas à compreensão destes

jovens.

Este artigo pretende refletir e lançar algumas indagações sobre a crescente presença de jovens na Educação de Jovens e Adultos, no intuito de colaborar com o pensamento e a pesquisa voltados ao campo de EJA. É um texto bastante preliminar que reflete o processo de construção do pensamento do autor em relação ao campo da Educação de Jovens e Adultos; alguma precariedade de entendimento da multiplicidade de fatores que envolvem esta modalidade de educação e sobretudo o desejo de contribuir, ainda que de maneira modesta, para a superação das dificuldades que afligem parcelas significativas da população.

## DEFININDO UMA CATEGORIA

A definição da categoria analítica juventude requer um certo cuidado para se evitar definições generalizantes e essencialistas. O senso comum costuma tratar a juventude e os jovens em particular como categorias estanques e definidas *a priori*. Na maior parte das vezes jovens e juventude são definidos por uma série de estigmas e preconceitos construídos ao longo da história. De modo que observamos a juventude tratada como uma geração transviada nos anos 50; como problema social nos anos 60; como um problema de integração ao mercado de trabalho nos 70. Estas características de determinados segmentos de grupos juvenis foram sedimentados à juventude perseguindo a identidade juvenil até nossos dias. Mesmo convivendo com estes estigmas a juventude constitui-se contemporaneamente em torno de questões que lhe são específicas, que são demandadas historicamente sob influência de variáveis socio-culturais. Neste sentido, concordamos com Bourdieu quando afirma que *a juventude é apenas uma palavra* (1983).

Sabe-se que a construção do objeto de pesquisa exige do pesquisador um estranhamento em relação ao que lhe é familiar e cotidiano. O objeto de estudo do pesquisador não está dado *a priori*. É uma construção teórica e metodológica que visa apreender este objeto numa perspectiva que rompa com o senso comum.

Nas palavras de Bourdieu: *construir um objeto científico é, antes de mais e sobretudo, romper com o senso comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos, quer se trate dos simples lugares comuns da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, freqüentemente inscritas nas instituições, logo, ao mesmo tempo na objetividade das organizações sociais e nos cérebros.* (Bourdieu, 1989, p.34).

Das abordagens que tentam determinar o que é a juventude encontramos uma definição corrente que é a da demografia. Esta estabelece que a juventude encerra um período da vida compreendido entre os 15 e os 25 anos. Esta definição marca, sobretudo, um período determinado biologicamente como intermediário entre o fim da infância e o começo da vida adulto.

Segundo outra visão, que acompanha a cronologia acima, a juventude seria o período em que a pessoa estaria se preparando para assumir a condição de adulto. Condição esta que seria marcada pelo ingresso no mundo do trabalho, pelo abandono da casa dos pais e constituição de uma nova família. Nesta vertente a juventude é compreendida como uma fase de transitoriedade<sup>1</sup>, como uma fase liminar na qual ainda não se é algo – o adulto – e nem se é mais criança.

Na Europa, esta marcação etária tem se alargado para os 29 anos muito em função da crescente dificuldade dos jovens em ingressarem no mundo do trabalho. No caso do Brasil, para uma parcela expressiva dos jovens, a condição juvenil é vivenciada e garantida pela inserção no mundo do trabalho, mesmo que em trabalhos precários, que garantem o mínimo necessário para os gastos com o lazer, o consumo, o namoro, etc característicos do universo juvenil. Há ainda – a despeito da ilegalidade - uma parcela expressiva da população que inicia sua vida de trabalhador antes dos 15 anos, o que nos levaria a reduzir a idade de ingresso na juventude. Podemos afirmar que o trabalho constitui a juventude ao possibilitar a aquisição de bens que compõem a identidade juvenil. Corroborando esta constatação, Marques (1997, p.71) afirma:

Quando questionamos os jovens sobre os motivos de sua inserção no mundo do trabalho, a maioria respondeu porque era pobre e precisava ajudar na família. Porém, quando aprofundamos a discussão nas entrevistas individuais e em grupos, outros motivos ficaram evidentes como: ter mais liberdade, garantir os estudos, ter dinheiro para comprar roupas e gastar no fim de semana, ter uma carteira de trabalho, etc. Entre esses jovens, o trabalho, ao mesmo tempo em que os coloca numa situação de explorados, possibilita a afirmação de sua identidade. Ao contrário do discurso moralizante de seus pais sobre a necessidade do trabalho para transformá-los em pessoas responsáveis, eles vêm no trabalho seu caráter provedor.

Segundo Peralva (1997) a juventude é uma condição social e ao mesmo tempo um tipo de representação: encerra uma fase etária da vida que sofre determinações sociais variáveis e que tem suas especificidades, inclusive certos tipos de representações

---

<sup>1</sup>Para um aprofundamento desta discussão ver Sposito, Marília. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo, Ação Educativa, 2003.

sociais que são apropriadas também pelo sujeito. Este – o sujeito que experimenta a juventude – é quem podemos definir como jovem. Portanto, a juventude e/ou o jovem não são vistos nesta perspectiva como uma fase de preparação ou de transitoriedade, mas compreendidos como uma fase da vida que possui suas características singulares.

De modo geral, como foi dito acima, a juventude é tratada através de inúmeros estereótipos que enfatizam aspectos negativos da condição juvenil: consumo de drogas; gravidez indesejada; violência, etc.

De um lado, o estereótipo é aliado íntimo do preconceito, fato criador de enormes dificuldades para aqueles que se dedicam ao trabalho educativo. De outra parte, o estereótipo não permite que interroguemos o sujeito – neste caso o aluno jovem – ao qual atribuímos determinadas características a priori e negamos o direito da fala, isto é, nos negamos escutar o que ele teria a nos dizer sobre si mesmo (SPOSITO, 1996, p.99)

Neste sentido, cabe aos profissionais da Educação de Jovens e Adultos e aos pesquisadores que se dedicam ao campo de EJA um olhar cuidadoso sobre o novo público desta modalidade de ensino para que não se reitere estereótipos e com isso reafirmem preconceitos.

## **JOVENS E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

A Educação de Jovens e Adultos é um direito subjetivo garantido constitucionalmente uma vez que a carta magna garante o ensino fundamental a todas as pessoas. Sabemos que esta modalidade de ensino atende a pessoas que não freqüentaram a escola regular na idade apropriada, a evadidos ou excluídos da escola regular ou que simplesmente foram recusados por esta – práticas desenvolvidas sistematicamente no Brasil - como variadas pesquisas têm demonstrado (BEISEIGEL, 1974; PATTO, 2000; MOLL, 2000).

Como direito subjetivo, a educação de jovens e adultos tende a aumentar ainda mais sua relevância em vista do crescente rejuvenescimento dos estudantes matriculados, suscitando novas pesquisas e um maior embate político pela garantia deste direito. O rejuvenescimento do público de EJA traz novas questões e novos dilemas para serem pensados pelos pesquisadores e trabalhadores da educação de jovens e adultos: Quem são estes estudantes?; O que esperam da EJA?; Que sentido dão aos estudos?; Que transformações suscitam nas práticas de EJA?; Quais os dilemas que os jovens, em suas especificidades, levam para o interior da educação de jovens e adultos?

Sabe-se que “a melhoria profissional e ocupacional é o motivo declarado da

maioria dos estudantes” que freqüentam as salas de educação de jovens e adultos (DI PIERRO et al. 2001, p. 7). De modo geral, a educação – não só a de jovens e adultos - é pensada como uma possibilidade de mobilidade econômico-social ascendente. Tipifica-se a educação escolar como a responsável pela melhoria das condições de vida e sobretudo como alicerce para o incremento do mundo do trabalho, muitas vezes sem considerar outras variáveis sociais que se apresentam no interior da escola e podem contribuir na definição das subjetividades.

Ao pesquisar o supletivo do Colégio Santa Cruz, Haddad afirmou ser este

um espaço de veiculação de um conhecimento sobre a vida, que ultrapassa o limite restrito da questão profissional. É o conhecimento sobre as coisas do mundo, que pode contribuir para entender o que é veiculado nos meios de comunicação, para compreensão da realidade deste cotidiano, para a segurança na fala dos que nunca têm voz, para segurança na ação dos que nunca participam (HADDAD, 1982 p. 168).

Não há dúvidas de que o trabalho tem uma centralidade na conformação da identidade dos indivíduos, sobretudo os oriundos das camadas populares. No entanto, tendo em vista as profundas transformações pelas quais o mundo passou nas últimas décadas com o processo de globalização (GIDDENS,1991; TOURAINE, 2002), outras dimensões da vida social emergiram como centrais na definição das identidades e das subjetividades dos indivíduos: gênero, orientações sexuais, questões geracionais, étnicas, religiosas, espaciais, etc. Inclusive a própria definição de trabalho se transformou deixando o mundo fordista como uma reminiscência do passado.

A educação de jovens e adultos não passou incólume por estas mudanças sociais incorporando o atendimento a novos sujeitos. Segundo Haddad (2004), a educação de jovens e adultos tem sofrido uma mudança no perfil de sua clientela ampliando o atendimento às mulheres e aos jovens, verificando-se, segundo outros autores, um crescente rejuvenescimento do público atendido (BRUNEL, 2004; CARRARO, 2000; SPOSITO, 2003).

Corroborando as afirmações dos autores acima, o mesmo supletivo pesquisado por Haddad, anos depois, foi objeto de pesquisa de Maria Virgínia Freitas (1995). Esta pesquisadora observou a presença de dois grupos de estudantes bastante distintos no ensino supletivo do Colégio Santa Cruz. Um grupo de origem rural, adulto, que se escolarizou pelo ensino supletivo e outro de origem urbana, predominantemente jovem e que chega ao supletivo com uma experiência escolar negativa. A chegada de um maior contingente de jovens urbanos estabeleceu, segundo a autora, mudanças na dinâmica das

relações no interior do supletivo e novos conflitos emergiram destacando interesses diferenciados na frequência à escola. Enquanto o primeiro grupo buscava sua formação escolar encarando os estudos com seriedade, o segundo grupo apresentava menor comprometimento e interesse nos estudos, confrontando o grupo dos adultos com manifestações de indisciplina.

Voltada a um público majoritariamente adulto a Educação de Jovens e Adultos tinha, em 2001, um número de matrículas da ordem de 1.820.509 estudantes entre 15 e 24 anos para um total de 3.777.989 alunos. Nos anos posteriores, a tendência ao aumento das matrículas dos jovens se confirmou perfazendo um total de 2.077.508 matriculados em 2005 com idade entre 15 e 24 anos e 2.167.823, em 2006, para a mesma faixa etária. Este aumento das matrículas deu-se, também, no número geral de matriculados de modo a observarmos em 2005 um total de 4.619.409 estudantes e em 2006 números da ordem de 4.861.390 para o nível fundamental de ensino<sup>2</sup>. Cabe observar que o aumento do público jovem na Educação de Jovens e Adultos acompanha o crescimento no número geral de matrículas, tendência observada, na sociedade brasileira, para outros níveis de ensino. No entanto, confirmada esta tendência, o campo da educação de jovens e adultos abre-se para um novo desafio na perspectiva do atendimento destes jovens, ao que tudo indica, muito diferentes do público tradicional de EJA.

Portanto, cabe um olhar acurado dos profissionais e pesquisadores deste campo no sentido de conhecer este aluno jovem, tentando compreendê-lo em sua condição complexa, sua diversidade, em suma: como um sujeito ao qual se destina a atividade educativa da EJA.

Como sugere Oliveira,

Seria importante um aprofundamento a respeito da população de jovens incorporados aos programas de educação de jovens e adultos, já que, quando se fala dessa modalidade de educação, o título abrangente não evita que a referência principal seja aos adultos, geralmente alunos das classes de alfabetização e das séries iniciais do ensino fundamental. (OLIVEIRA, 2001. p.16).

## **CONCLUSÃO**

Os estudantes da educação de jovens e adultos têm uma trajetória escolar marcada por dificuldades, desistências, exclusões e recusas.

Jovens em conflito com a lei e jovens portadores de necessidades especiais são

---

<sup>2</sup>Estes dados podem ser confirmados em [www.inep.gov.br/basica/censo/escola/sinopse/sinopse.asp](http://www.inep.gov.br/basica/censo/escola/sinopse/sinopse.asp)

sistematicamente impedidos de se matricularem nas escolas que deveriam lhes acolher. Outros vêm na educação de jovens a adultos a possibilidade de recuperar um tempo que percebem desperdiçado. Evidentemente, tal constatação não justifica um ensino aligeirado para este jovem. Outros, ainda, não se adaptam à lógica escolar por razões econômica sociais e culturais e buscam na EJA a possibilidade de avançar nos estudos.

De todo modo o crescente rejuvenescimento do público de EJA parece inscrever-se no movimento de aumento do acesso à escolarização de parcelas cada vez maiores da população brasileira. Nos últimos anos, um número crescente de jovens têm se matriculado no ensino médio e no ensino superior, ainda que privado. Sendo assim, o fenômeno do rejuvenescimento dos estudantes de EJA se inscreve, muito provavelmente, na lógica da mobilidade social pela escolarização. Contudo, os jovens que buscam esta modalidade sentem a experiência escolar muito particularmente e dentro da dinâmica das demandas juvenis com todas suas diversidades. Compreender esse jovem, seus anseios, sua experiência e o sentido que conferem à escolarização exige que as pesquisas se disponham a ouvir estes jovens na condição de sujeitos, dando-lhes a oportunidade de expressarem suas demandas mais cotidianas.

Gostaria de terminar lembrando uma afirmação de Deleuze dirigida a Foucault: *Você foi o primeiro a nos ensinar algo fundamental: a indignidade de falar pelos outros* (DELEUZE, 1992 P. 110). Reitero, assim, a importância da escuta cuidadosa dos jovens atendidos pelas políticas educacionais em geral e em particular os de EJA, bem como ao protagonismo destes jovens nas instâncias que determinam as políticas voltadas aos setores juvenis de nossa sociedade.

## **BIBLIOGRAFIA**

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Estado e educação popular: um estudo sobre educação de adultos*. São Paulo, Pioneira, 1974.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude é apenas uma palavra”. In: *Questões de sociologia*. R.J, Editora Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.

BRUNEL, C. T. do N. *Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos*. Porto Alegre: Mediação, 2004

CARRANO, Paulo. *Identidades juvenis e escola. Alfabetização e Cidadania*. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil (RAAAB), nº10, nov.2000.

DI PIERRO, Mari Clara et. al. *Visões da educação de jovens e adultos no Brasil*.

Cadernos CEDES vol.21 nº 55, Campinas, Nov. 2001.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo, Editora 34, 1992.

HADDAD, Sérgio. *Uma proposta de educação popular no ensino supletivo*. Dissertação de Mestrado. FEUSP, 1982.

HADDAD, Sérgio. *Educação e exclusão no Brasil*. Ação Educativa, 2006.

FREITAS, Maria Virgínia. *Jovens no ensino supletivo: diversidade de experiências*. Dissertação de Mestrado. FEUSP, 1995.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Editora da Unesp, 1991.

MARQUES, Maria S. *Escola noturna e jovens*. Revista Brasileira de Educação/Anped. nºs 5 e 6, mai/dez, 1997, p.63-75.

MOLL, Jaqueline. *Histórias de vida, histórias de escola: elementos para uma pedagogia da cidade*.

Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas, S.P., Ação Educativa, 2001.

PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. 2ª ed. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.

PERALVA, A. *O jovem como modelo cultural*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, nº 5/6, pp.15 – 24, 1997.

SPOSITO, Marília. *Crise, identidade e escola*. In: Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo horizonte. Editora UFMG. 1996, pp. 96-104.

\_\_\_\_\_. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo, Ação Educativa, 2003.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis, Editora Vozes, 1994.